

UM POVO que OPRIME OUTROS NÃO PODE SER LIVRE !

I. A POLÍTICA COLONIAL DA BURGUESIA

Na época do imperialismo, uma das principais contradições é a que opõe as nações oprimidas às nações opressoras que exploram as matérias primas e a mão de obra barata dos povos colonizados mantendo-os num subdesenvolvimento crónico. Enredada em tal contradição e sem uma saída airosa se encontrava a burguesia colonialista portuguesa encostada à parede pelas grandes vitórias dos Movimentos de Libertação, pelas justas lutas de massas do Povo Português ao lado dos Povos irmãos das colónias e pela crescente adesão das populações colonizadas aos programas de libertação nacional.

O colonialismo português viu-se obrigado aos mais vis golpes, quer chacinando populações, assassinando Amílcar Cabral, destruindo plantações e escolas, quer fazendo alianças com os baluartes da reacção mundial que são o imperialismo americano, a NATO e os regimes racistas da África do Sul e Rodésia. Mas tal política teve um preço: o recrudescer da luta dos povos e o isolamento da mundial da política colonialista.

Esta situação não convinha à "esclarecida" burguesia nacional e, assim, havia que mudar de tática: negociar a independência das colónias, para acabar com o isolamento internacional e para permitir uma exploração mais "pacífica" em moldes neo-colonialistas. Reconhecendo implicitamente as vitórias dos Movimentos de Libertação, afirma Spínola que "em qualquer guerra subversiva a vitória exclusivamente militar é invidível" e "pretender ganhar uma guerra subversiva através de uma solução militar é aceitar de antemão a derrota". O colonialismo português moribundo pretendia evitar a derrota, quer sair de cabeça levantada - não o conseguirá. Assim se compreende que tenha vestido a pele "democrática" apelando para que os Movimentos de Libertação deponham as armas e se constituam em partidos políticos - entrando no jogo sujo do parlamentarismo burguês. Mas a quem servirá tal desarmamento? Aos povos das colónias, ou à burguesia colonialista? A burguesia sabe bem que o poder está na ponta da espingarda e pretende desarmar os povos para melhor os explorar. O poder só deixará de pertencer à minoria exploradora e opressora quando as relações de produção se alterarem, quando as riquezas dos territórios coloniais forem exploradas pelo povo e a administração colonialista for substituída por um governo popular numa sociedade nova.

II. OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

Como dizia Vasco Cabral, referindo-se à declaração unilateral de independência da Guiné-Bissau, já reconhecida por 82 países, "o facto de nós proclamarmos a independência tem importância para traduzir do ponto de vista jurídico a realidade efectivamente existente. Na nossa terra desde há muito que existem regiões libertadas, onde construímos uma vida nova, e onde temos um Estado, podemos dizer um Governo. Toda a actividade que é desenvolvida é-o porque possuímos uma administração, porque existe comércio, escolas, hospitais, serviços de produção, de segurança, tribunais populares, etc. Nós somos de facto o único e legítimo representante do povo.

Os Movimentos de Libertação não esperaram que a independência e a liberdade lhes fossem oferecidas numa bandeja, não o esperaram do governo fascista nem o esperam do "democrático" governo provisório. Sabendo conjugar a acção de massas com a luta armada, expulsando progressivamente os exploradores, foram construindo uma sociedade nova nas zonas libertadas. Disse um jovem comandante do PAIGC: "Tudo o que hoje temos veio-nos precisamente do fusil que temos nas mãos! Por isso os Movimentos de Libertação não aceitarão abandonar as armas e procurar à mesa das conversações as soluções que mais convêm à continuação da exploração. Prova-o o recrudescimento da luta em todas as frentes, especialmente as levadas a cabo pelo PAIGC e pela FRELIMO. Prova-mo as declarações recentes dos Movimentos de Libertação: "Não haverá paz em Moçambique até que se alcance a independência (...) vão ser aumentadas as zonas

de guerra de libertação para acelerar a queda do colonialismo português" (diz-se Samora Machel). "A via para a solução do problema é clara: reconhecer o direito do povo moçambicano à independência. Se porém o objectivo do golpe de Estado é o de encontrar novas formas para perpetuar a exploração sobre o nosso povo, que os governantes portugueses saibam que se defrontarão com a nossa firme determinação" - afirma o Comité Executivo da PRELIMO.

Ressalta bem a firme determinação dos povos coloniais em continuarem a sua luta até à independência total, repudiando qualquer solução que tenda a favorecer os interesses da burguesia colonialista portuguesa, lacai do imperialismo.

III. QUE POSIÇÃO TOMAR?

A da burguesia ou a do Povo em armas?

Será a posição correcta pedir o cessar-fogo e exigir que os povos deponham as armas e por outro lado continuar a apoiar o embarque da tropa colonialista? Será a posição correcta gritar aos quatro ventos que a tropa colonialista cumpre uma "missão de paz" permanecendo nas colónias na "defesa dos bens e pessoas das minorias" e perpetuando a relação colonialista? Para o diabo a Nova Cruzada!

Os revisionistas do P"C"P e os reformistas de todas as cores, manejados pelo social-imperialismo soviético (socialismo nas palavras e imperialismo nas acções), não querem pôr em pânico "as mincrias" (o preço da unidade "anti-fascista"...), nem prejudicar os interesses do imperialismo.

Também não é a pretexto de posições internacionalistas imperfeitamente compreendidas que devemos defender o apoio do povo português aos povos das colónias. Será a luta dos Povos das colónias apoiada pelos combates do Povo Português em frente pela Revolução Popular que dará a solução justa à guerra colonial assassina.

A verdadeira posição internacionalista do povo português será a de forçar a democracia burguesa a suspender imediatamente os embarques de tropas colonialistas e a conceder a independência total e imediata para as colónias.

Os revolucionários portugueses e anti-colonialistas consequentes não vão agora matar os povos irmãos das colónias só pelo facto de quem os manda para lá ser o governo "liberal" de Spínola, do Cunhal, do Soares e outros comparsas.

Os desertores do exército colonial - alguns deles desertaram com armas - já frisaram bem que a verdadeira amnistia era a que reconhecesse o direito dos povos africanos à autodeterminação e acabasse imediatamente com a guerra colonial, acrescentando que as razões que os levaram a desertar ainda se mantêm.

Apesar de todas as manobras traiçoeiras dos "democratas", o Povo Português tem sabido mostrar o seu ódio a tal guerra assassina!

VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS COLONIAIS, E OS SEUS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO, O PAIGC, O MPLA E A PRELIMO!

VIVA A ALIANÇA REVOLUCIONÁRIA DO POVO PORTUGUÊS COM OS POVOS DE ANGOLA, MOÇAMBIQUE E GUINÉ E CABO VERDE INDEPENDENTE!

INDEPENDÊNCIA TOTAL E IMEDIATA PARA AS COLÓNIAS!

REGRESSO DE TODOS OS SOLDADOS E SUSPENSÃO IMEDIATA DOS EMBARQUES!

"Um país fraco pode vencer um país forte e um país pequeno pode vencer um país grande. Ousando levantar-se em luta, ousando pegar em armas e tomando em mãos os destinos do próprio país, o povo dum país pequeno pode seguramente vencer a agressão perpetrada por um país grande."

- Mao Tsé-Tung -

Coimbra, 20/5/74

GRUPOS DE ESTUDANTES ANTI-COLONIALISTAS E ANTI IMPERIALISTAS

TODOS AO COMÍCIO SOBRE "O PROGRAMA DO GOVERNO PROVISÓRIO E A GUERRA COLONIAL" QUIZUA-FEIRA, DIA 23, AS 17h NO JARDIM DA AAC